

POR CAUSA DE «VERSOS SATÂNICOS»

OPOSIÇÃO DO IRÃO CONTRA KHOMEINI

O ayatollah iraniano Jalal Gankhekei, membro do Concelho Nacional da Resistência, órgão de oposição ao Governo de Teerão, disse, ontem, em Genebra, que Khomeini «não é um verdadeiro muçulmano». Gankhekei, de 45 anos, que vive actualmente em Paris, afirmou durante uma conferência de Imprensa ter sido «torturado» durante cinco anos sob o regime do xá e que estudou com Khomeini na cidade sagrada de Qom.

ACUSAÇÕES
CONTRA KHOMEINI

«Khomeini é um político que alcançou o Poder utilizando o nome do Islão, mas não é um verdadeiro muçulmano, porque violou os princípios fundamentais do Islão e de cada um dos profetas.»

comentando a ameaça de morte contra o escritor Salman Rushdie pela sua obra «Versos Satânicos», Gankhekei disse que o autor «fez uso do seu direito de expressão e ninguém o pode atacar por isso».

«Quem deveria ser condenado é quem abandonou os princípios do Islão, infringindo o direito de expressão.»

Por seu turno, o ayatollah Khomeini criticou ontem, os liberais iranianos «vendidos ao exterior» e acrescentou que enquanto viver o país não cairá nas suas mãos.

O líder da revolução iraniana tornou pública uma mensagem em que refuta críticas segundo as quais, após 10 anos de revolução, o Irão não ganhou nada e deveria, agora, revelar-se mais aberto.

A polémica entre os moderados-liberais e os radicais surgiu no Irão após o fim da guerra com o Iraque, quando se pôs em evidência a necessidade de reconstruir o país e modificar o sistema. E reacendeu-se com o «caso Rushdie».

«Quero anunciar, explicitamente,

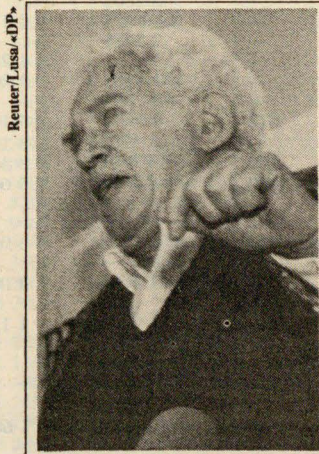
aqueles que têm acesso aos órgãos de Comunicação e aos que deixam que outros falem pela sua boca que enquanto eu viver não permitirei que o Estado caia nas mãos dos liberais», disse Khomeini. Acrescentou «que não permitirá aos hipócritas que destruam o Islão e o seu povo» e que as possíveis sanções económicas ou outros tipos de embargo «não impedirão a execução do decreto de Deus sobre o blasfemo escritor Salman Rushdie».

As divergências entre liberais e radicais da hierarquia xiita agudizaram-se após Khomeini ter condenado à morte o autor de «Versos Satânicos», Salman Rushdie.

A mensagem de Khomeini foi remetida aos responsáveis pelas orações de sexta-feira, dia santo dos muçulmanos e aos ulemas (doutores da lei islâmica).

Enretanto, o escritor Salman Rushdie, autor do romance «Versos Satânicos», considerou que o mundo islâmico tem «o direito de discutir a sua própria natureza e origens sem que qualquer assunto seja tabu».

Durante uma entrevista publicada, hoje, pelo semná-



Renter/Lusa/«DP»

O ESCRITOR NORMAN MAILER num discurso de solidariedade com o novelista Salman Rushdie, no centro PEN norte-americano, em Nova Iorque

rio de Hong-Kong «Far Eastern Economic Review», o romancista britânico de origem indiana declara que «o mundo islâmico ortodoxo está de algum modo atrasado em relação às atitudes das outras grandes religiões».

Rushdie afirma que a reacção de intolerância desencadeada nos países islâmicos contra a sua pessoa tem a ver «com a própria ideia de que uma obra de literatura possa tratar assuntos como a natureza da pro-

fecia e o nascimento de uma religião».

Consederando que «o verdadeiro fito da literatura não consiste em distorcer factos, mas, sim, em explorar a natureza humana e as ideias em que assenta a raça humana», Rushdie declara que um escritor tem o dever de «discutir a natureza central da cultura e civilização em que vive».

O autor de «Versos Satânicos» diz que a maioria dos críticos fundamentalistas nem sequer leu o romance e defende que a sua perspectiva «é a de alguém que tem um sério interesse pela religião sem ser um crente devoto».

A concluir a entrevista, concedida na semana passada em Londres, antes de se ter escondido sob protecção policial, Rushdie conclui que «os livros duram muito tempo. Começam a ser lidos a pouco e pouco e os seus verdadeiros temas tornam-se discerníveis entre o nevoeiro das incompreensões. É o que acontece à maior parte dos livros que apresentam alguma inovação radical.»

Salan Rushdie, de 41 anos, nasceu em Bombaim, na Índia, e descende de uma família muçulmana.